



ORDEM
DOS
PSICÓLOGOS

**EXPOSIÇÃO DAS CRIANÇAS
À VIOLÊNCIA INTERPARENTAL**
RECOMENDAÇÕES PARA
PSICÓLOGOS

Os Pais e Cuidadores são os principais modelos das atitudes e comportamentos das crianças. Por isso, é fundamental que o desenvolvimento das crianças aconteça num contexto em que os adultos demonstrem comportamentos equilibrados e emocionalmente adequados. **A família deve ser sempre um lugar de respeito, segurança e protecção.**

Contudo, nem sempre assim é – basta observar o número crescente de casos de violência doméstica. **Os conflitos entre os Pais ou Cuidadores são naturais** – os conflitos são naturais nas relações e na vida familiar – e não são negativos por si só. No entanto, **a forma como os conflitos se manifestam, a sua frequência e intensidade, bem como a forma como são resolvidos, podem ter consequências negativas para a criança.**

A preocupação com as diversas formas de abuso infantil, não apenas físico, mas também psicológico, tem vindo a aumentar, colocando aos **Psicólogos a responsabilidade de investigar, prevenir e intervir neste fenómeno.**

A VIOLÊNCIA INTERPARENTAL

As situações de **violência entre os Pais ou Cuidadores** – **violência interparental** – podem ser enquadradas como **violência doméstica**. A exposição das crianças à violência interparental constitui uma forma de **vitimização das crianças**, com sérias implicações no seu desenvolvimento. Constitui ainda um **factor de risco** para a **replicação de dinâmicas relacionais violentas** no futuro. Quando as relações familiares, sobretudo entre os Pais ou Cuidadores, são caracterizadas por conflitos e violência, existe uma probabilidade aumentada de a criança aprender esses padrões de interacção, acreditar que são legítimos e replicá-los – não só dentro da família, mas também noutros contextos – criando-se assim as condições para a transmissão intergeracional da violência.

Nas **situações de violência interparental a criança assiste (ouve, observa ou tem conhecimento) a actos de violência praticados contra a mãe/pai/cuidador ou outro elemento da família** (por exemplo, um avô ou avó). Nalguns casos, o/a agressor/a pode mesmo utilizar a criança para controlar a vítima adulta, por exemplo, afirmando que o mau comportamento da criança é o motivo das agressões; ameaçando a criança diante da vítima adulta; mantendo a criança refém ou afastando-a da vítima adulta; ou dando informações negativas à criança sobre a vítima adulta.

Embora a extensão estatística deste fenómeno em Portugal seja desconhecida, os dados de investigação existentes (cf. Sani, 2011) têm sublinhado os efeitos negativos que a exposição à violência interparental pode ter no desenvolvimento global da criança. A vitimização indirecta ou vicariante, definida como a exposição de uma criança à violência interparental ou exercida sobre outros familiares, deve ser entendida como uma forma flagrante de vitimização infantil e ser reconhecida como um **problema social grave**. Não obstante, trata-se de um **fenómeno que carece ainda de investigação** que possa elucidar sobre as suas consequências, promover a crescente consciencialização pública da sua perigosidade, a sua prevenção e a intervenção junto das crianças afectadas.

ALGUNS MITOS E FACTOS RELACIONADOS COM A VIOLÊNCIA INTERPARENTAL

MITO. Os maus tratos infantis são necessariamente físicos.

FACTO. O abuso físico é apenas uma das muitas formas de maus tratos. A negligência, o abuso emocional e o testemunho de situações violentas podem ser muito prejudiciais, e como são mais subtis, são mais dificilmente detectados.

MITO. As crianças não são afectadas pela violência interparental, desde que não presenciem o acontecimento violento.

FACTO. As crianças são observadoras cuidadosas do comportamento e reacções dos pais. **Não precisam de presenciar os acontecimentos para se aperceberem de um ambiente familiar violento e serem afectadas por ele.**

MITO. Quanto mais nova for a criança, menos será afectada pela exposição à violência interpaparental.

FACTO. **As crianças pequenas não são imunes aos efeitos da violência.** As crianças, mesmo as mais pequenas, são sempre profundamente afectadas, especialmente se os agentes de violência são membros da família.

MITO. As crianças esquecem a violência que testemunham.

FACTO. **As crianças demonstram uma notável capacidade de recordar eventos traumáticos** e, mesmo que não recordem, as experiências traumáticas têm impacto no seu desenvolvimento. Relatos vívidos das crianças sobre eventos violentos contrastam com os relatos dos pais de que asseguram que os filhos não presenciaram ou não se aperceberam de situações violentas.

MITO. A violência é um problema urbano.

FACTO. **A violência pode ocorrer em qualquer lugar, e por isso toca a vida de famílias e crianças em áreas urbanas e rurais,** e ocorre em taxas semelhantes entre todos os tipos de famílias, independentemente da região, nível educacional e socioeconómico ou pertença comunitária.

O IMPACTO DA VIOLÊNCIA INTERPARENTAL NAS CRIANÇAS

Em quaisquer situações de violência interpaparental a violência não é exclusivamente entre o casal. A violência afecta e impacta, de forma profunda, as crianças que vivem nesse ambiente, a nível físico e psicológico, emocional e comportamental.

Sempre que exista violência, existe uma relação abusiva.

Viver numa casa onde existe violência interpaparental é **assustador** para as crianças, gera-lhes **sofrimento** e **mal-estar**. O mundo parece-lhes um lugar pouco seguro.

Cada criança reagirá à situação de violência interpaparental de forma diferente, mas a **exposição à violência colocará dificuldades ao seu desenvolvimento saudável e ao seu dia-a-dia.**

Vários estudos demonstram que as crianças expostas à violência interpaparental apresentam **problemas de internalização** (e.g., ansiedade, depressão, medo) e **de externalização** (e.g., raiva, agressividade, fugas de casa) que afectam sua capacidade de empatia e de interpretação de situações sociais, o estabelecimento de relações interpessoais, a capacidade de resolução de problemas, a realização escolar e académica, o desenvolvimento de competências e a integração social. Por exemplo, segundo o Relatório conjunto Behind Closed Doors da UNICEF, Body Shop International e do Secretariado Geral das Nações Unidas (2006), as crianças expostas à violência interpaparental apresentam dificuldades na aprendizagem, competências sociais comprometidas, comportamentos de risco, depressão ou profunda ansiedade.

As **crianças em idades precoces encontram-se especialmente vulneráveis:** diversos estudos revelam que a violência interpaparental é mais prevalente em lares com crianças em idades mais precoces do que em lares com crianças e jovens de idades mais avançadas.

Existe alguma evidência de que o **impacto da violência interpaparental parece ser mediado pelo género da criança.** Os rapazes tendem a identificar-se mais com os pais e as raparigas com as mães, dando relevo às abordagens sobre a transmissão intergeracional da violência. De uma forma geral, é frequente que os rapazes sejam descritos como mais disruptivos, agressivos para com pessoas e objectos, enquanto que as raparigas estão mais predispostas a exhibir queixas somáticas e mais propensas ao isolamento e comportamen-

tos de passividade e dependência. Dito de outra forma, os rapazes expostos à violência interparental tendem a manifestar comportamentos de externalização, e as raparigas comportamentos de internalização.

Resumindo, as crianças expostas à violência interparental têm **maior probabilidade** de:

- Apresentar **problemas de Saúde Psicológica**, como medo e preocupação constantes, baixa auto-estima, stresse e ansiedade, tristeza e depressão, raiva e agressividade, comportamentos de risco – não só durante a infância e adolescência, mas também durante a idade adulta.
- **Replicar modelos** de relação em que predominam dinâmicas violentas (e.g. identificando-se com o agressor ou com a vítima).
- Mostrar **dificuldade** em estabelecer relações com os outros, resolver problemas, ter um bom desempenho escolar e desenvolver competências sócio emocionais.
- Demonstrar **problemas de Saúde Física**, como cansaço, dor de cabeça, dor de barriga, dificuldades de sono e problemas alimentares.

Observa-se também que é frequente os **maus-tratos físicos e emocionais** às crianças acompanharem as situações de violência interparental.

Adicionalmente, **o impacto da violência interparental nas crianças é ainda condicionado por diversos factores contextuais** – os directamente relacionados com a criança (e.g., experiência passada com a violência, personalidade e suporte social) e os relacionados com os pais e os conflitos entre eles (e.g., local de ocorrência, frequência, intensidade, duração, conteúdo, severidade e resolução do conflito; competências parentais dos pais; saúde psicológica dos pais).

SINAIS DE ALERTA

- **Crianças até aos 6 anos** podem apresentar queixas físicas (por exemplo, dor de barriga ou dor de cabeça), reacções de medo, alterações do sono ou do comportamento alimentar. As crianças destas idades podem ainda manifestar regressões comportamentais, por exemplo, enurese ou chuchar no dedo. Podem considerar que a violência se deve a algo que fizeram e sentirem-se culpadas, mostrar-se mais irritáveis e com dificuldade em acalmar-se e mais dependentes do adulto.
- **Crianças entre os 6 e os 12 anos** podem mostrar-se mais distraídas e menos interessadas nas aprendizagens escolares, revelar agitação e dificuldade em concentrarem-se ou apatia e falta de energia. Demonstram frequentemente dificuldades em relacionar-se com os pares, baixa auto-estima. Podem sentir-se culpadas pela violência e assumir a responsabilidade pelas emoções negativas dos pais. Podem mostrar-se tristes e aborrecidas, isolar-se, chorar ou falar sobre ideias e sentimentos assustadores, ou adotar comportamentos agressivos com os pares ou com adultos.
- **Jovens a partir dos 12 anos** podem revelar constrangimento relativamente à situação familiar e tender a negá-la, sentir dificuldades em comunicar e negociar com respeito, tentar deter a violência fisicamente e adoptar comportamentos mais agressivos e de desobediência (recusar cumprir regras). É frequente experienciarem dificuldades na transição para a adolescência, tentarem afastar-se da violência ficando mais tempo fora de casa e manifestarem comportamentos de risco (por exemplo, consumo de substâncias). Podem manifestar dificuldade em estabelecer relações saudáveis com os outros e correm maior risco de violência no namoro. Os níveis de ansiedade e ideação suicida são mais elevados, comparando com outros jovens do mesmo grupo etário.

RECOMENDAÇÕES PARA PSICÓLOGOS

- **Estar atento aos sinais de alerta.** O impacto da exposição à violência interparental nem sempre é visível e imediato. É importante que os Psicólogos estejam atentos e conheçam os sinais de alerta, bem como o impacto negativo destas situações no desenvolvimento e na vida quotidiana das crianças. Conhecer estes sinais pode ser fundamental para compreender e reconhecer as dificuldades e problemas da criança/jovem (em vez de atribuir os seus comportamentos e reacções a outros problemas de Saúde Psicológica, como a depressão ou a PHDA, por exemplo).

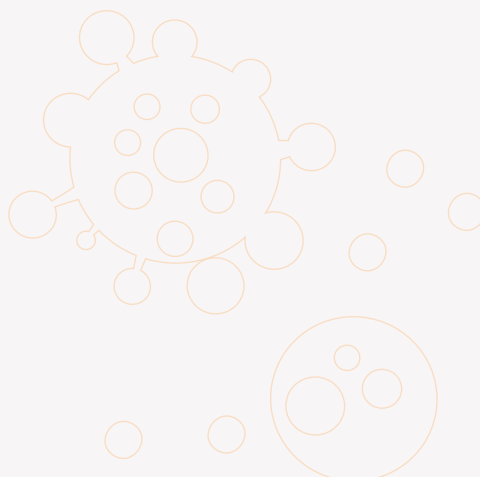
- **Encaminhar a criança e a família sempre que necessário.** Mediante o reconhecimento de uma situação de violência interparental, pode ser necessário fazer encaminhamentos da criança e da sua família para serviços especializados ou para outros apoios terapêuticos adequados, bem como colaborar com outros prestadores de cuidados que fazem parte da vida da criança (por exemplo, educadores e professores ou médico de família).

- **Intervir junto da criança exposta à violência interparental (e da sua família),** promovendo a estabilização do ambiente familiar; ajudando a criança a contar a sua história; desenvolvendo com ela actividades que promovam as suas competências socio emocionais, o relacionamento saudável com os outros e a sua auto-estima; tranquilizando-a quanto ao facto de a culpa não ser sua e não lhe caber o papel de intervir/resolver os conflitos dos adultos; contribuir para a capacitação da criança e da família na resolução de conflitos e problemas de forma não-violenta.

- **Sensibilizar Pais e Cuidadores para o impacto negativo da exposição das crianças à violência interparental,** fornecendo informação e apoio sobre a perspectiva da criança relativa a eventos de violência e sobre como lidar com conflitos protegendo a segurança e assegurando o bem-estar das crianças.

- **Implementar estratégias de prevenção da violência e promoção do bem-estar e do desenvolvimento infantil saudável.**

- **Implementar programas de promoção das competências parentais e da conjugalidade saudável.** Os programas de promoção das competências parentais, baseados em evidências científicas, são eficazes na redução dos maus-tratos físicos e psicológicos às crianças, complementados com programas de promoção de uma conjugalidade saudável podem contribuir para o desenvolvimento e a Saúde Psicológica das crianças, ajudando Pais e Cuidadores a relacionarem-se de forma saudável e a resolver conflitos de forma construtiva e não-violenta.





ORDEM
DOS
PSICÓLOGOS